



ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE
BACHARELADO EM ONTOPSICOLOGIA

DOUGLAS PEREIRA DOS SANTOS

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A PSICANÁLISE,
A GESTALT-TERAPIA E A ONTOPSICOLOGIA NO CAMPO DA TEORIA E
PRÁTICA CLÍNICA**

Recanto Maestro
Restinga Sêca, RS
2024

DOUGLAS PEREIRA DOS SANTOS

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A PSICANÁLISE,
A GESTALT-TERAPIA E A ONTOPSICOLOGIA NO CAMPO DA TEORIA E
PRÁTICA CLÍNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia,
apresentado como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de
Graduação em Ontopsicologia, Faculdade Antonio
Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Accorsi

Recanto Maestro

Restinga Sêca

2024

DOUGLAS PEREIRA DOS SANTOS

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A PSICANÁLISE,
A GESTALT-TERAPIA E A ONTOPSICOLOGIA NO CAMPO DA TEORIA
E PRÁTICA CLÍNICA**

Trabalho de Conclusão de
Curso-Monografia, apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Ontopsicologia Curso de
Graduação em Ontopsicologia, Faculdade
Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Accorsi

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ângelo Accorsi
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso
Antonio Meneghetti Faculdade

Prof. Dr. Carmem I. D. Spanhol
Membro da Banca Examinadora
Antonio Meneghetti Faculdade

Prof. Dr. Josiane Barbieri
Membro da Banca Examinadora
Antonio Meneghetti Faculdade

Recanto Maestro, Restinga Seca, 07 de novembro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro à vida por ter me mantido na trilha certa durante toda a trajetória acadêmica e durante a pesquisa, com saúde e forças para chegar até o final.

Agradeço ao meu orientador Ângelo Accorsi por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa.

À minha mãe Dejanira, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e incentivando a ser sempre mais e melhor, ao longo de toda a minha trajetória acadêmica.

Também agradeço a meus colegas e amigos que tornaram este percurso mais leve e que sempre me incentivaram desde o início desta pesquisa.

À todos os meus professores do curso do Bacharelado em Ontopsicologia pela excelência e pelo conhecimento compartilhado de cada um.

E por fim, agradeço ao Prof. Antonio Meneghetti (*in memoriam*) por ter formalizado esta grandiosa ciência e nos permitir ter acesso a todo esse conhecimento sobre o ser humano.

Dedico este trabalho a todos aqueles que se interessam pelo estudo da Ciência Ontopsicológica e pelo conhecimento do ser humano, e que buscam sempre uma parte melhor de si.

Epígrafe

“A árvore deve tocar o céu e viver dos seus ventos e do seu sol, sem jamais destacar as raízes da terra que lhe dá lugar e existência. Ser céu, enquanto se caminha na terra”.

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, 2009.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar a novidade da Ciência Ontopsicológica enquanto viés metodológico, por meio do estudo comparativo entre a Psicanálise, Gestalt Terapia e a Ontopsicologia, no campo da teoria e prática clínica. O estudo emprega uma metodologia de revisão bibliográfica com análise qualitativa, apresentando conceitos fundamentais a respeito da teoria e prática de cada uma dessas abordagens e comparando como suas diferentes perspectivas condicionam e moldam a prática clínica. Ao realizar o estudo comparativo, pretende-se contribuir no entendimento da novidade metodológica da Ciência Ontopsicológica. Os resultados destacam as contribuições específicas de cada abordagem, suas semelhanças e diferenças.

Palavras-chave: Psicanálise, Gestalt-terapia, Ontopsicologia, Prática Clínica, Método Ontopsicológico.

ABSTRACT

The present research aims to highlight the novelty of Ontopsychological Science as a methodological approach through a comparative study of Psychoanalysis, Gestalt Therapy, and Ontopsychology in the field of theory and clinical practice. The study employs a bibliographic review methodology with qualitative analysis, presenting fundamental concepts regarding the theory and practice of each of these approaches and comparing how their different perspectives shape and influence clinical practice. By conducting the comparative study, the goal is to contribute to the understanding of the methodological innovation of Ontopsychological Science. The results underscore the specific contributions of each approach, their similarities, and differences.

Keywords: Psychoanalysis, Gestalt Therapy, Ontopsychology, Clinical Practice, Ontopsychological Method.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. OBJETIVOS	10
2.1 objetivo geral	10
2.2 objetivos específicos	10
3. JUSTIFICATIVA	11
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
4.1 Psicanálise: a psicologia do profundo inconsciente humano.....	12
4.1.1 A estrutura da mente em psicanálise: conceitos e descobertas.....	14
4.1.2 O método interpretativo psicanalítico	18
4.2 Gestalt-terapia: a arte de viver no aqui-agora.....	20
4.2.1 Conceitos fundamentais da experiência do aqui agora da Gestalt terapia.....	22
4.2.2 Gestalt-terapia: técnica e método fenomenológico.....	23
4.3 Ontopsicologia: ciência interdisciplinar e integradora.....	26
4.3.1 Ontopsicologia: conceitos epistêmicos de base.....	29
4.3.2 O método Ontopsicológico.....	35
5. METODOLOGIA	38
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	39
6.1 Quadro síntese dos achados da pesquisa.....	32
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
8. REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

As diferentes abordagens de psicoterapia buscam compreender o ser humano em suas dimensões psíquicas e emocionais e, desta forma, oferecem caminhos diversos para o tratamento de patologias psicológicas e para o desenvolvimento pessoal do sujeito. Entre essas abordagens, a Psicanálise, a Gestalt-terapia e a Ontopsicologia apresentam seus princípios teóricos e metodológicos únicos.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a novidade da Ciência Ontopsicológica enquanto viés metodológico por meio do estudo comparativo entre a Psicanálise, Gestalt-terapia e a Ontopsicologia no campo da teoria e prática clínica. A Ciência Ontopsicológica, desenvolvida por Antonio Meneghetti, traz novidades que se destacam dos métodos tradicionais ao propor a análise da atividade psíquica a partir de três descobertas científicas: o campo semântico, o Em Si Ôntico e o monitor de deflexão. Essas descobertas proporcionam uma nova maneira de entender o comportamento e desenvolvimento humano.

A pesquisa pretende apresentar como a Psicanálise, a Gestalt-terapia e a Ontopsicologia abordam questões e conceitos fundamentais da psicoterapia, como a estrutura psíquica, os mecanismos de defesa, a percepção do indivíduo, e como cada uma delas se utiliza de um método e técnicas próprios para a prática clínica.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Apresentar a novidade da Ciência Ontopsicológica enquanto viés metodológico , por meio de um estudo comparativo entre a Psicanálise, Gestalt-terapia e a Ontopsicologia no campo da teoria e prática clínica.

2.2 Objetivos Específicos

1. Descrever os princípios teóricos da Psicanálise, da Gestalt-terapia e da Ontopsicologia;
2. Identificar e distinguir os principais elementos técnicos de base de cada abordagem;
3. Evidenciar aproximações e distinções em relação ao método, instrumentos, técnicas e conceitos na prática clínica.

3. JUSTIFICATIVA

A motivação do autor, para desenvolver a presente pesquisa, nasce a partir das disciplinas de Formação Prática do curso do Bacharelado em Ontopsicologia, de textos que tratam sobre métodos e abordagens de psicoterapia clínica, das atividades práticas experienciadas no laboratório de Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti e pelo interesse em atuar profissionalmente na área de psicoterapia ontopsicológica.

A partir dessa motivação nasceu um interesse em compreender de forma mais aprofundada outras abordagens clínicas de psicoterapia com a finalidade de entender ainda mais a novidade do método ontopsicológico, realizando um estudo comparativo. O critério para a escolha das duas abordagens a serem comparadas com a Ontopsicologia foi em função destas apresentarem alguns conceitos que em parte são convalidados e em parte são compreendidos diversamente pela ciência ontopsicológica. Identificando aproximações e realizando comparações entre as abordagens, pretende-se auxiliar futuros alunos e pesquisadores a compreender de forma mais objetiva essas três abordagens de psicoterapia e elucidar a novidade do método apresentado pela Ciência Ontopsicológica.

No que diz respeito ao meio social, a pesquisa visa contribuir na formação de futuros profissionais que atuarão em âmbito clínico e para o desenvolvimento de pessoas, e também no fomento e difusão da Ciência Ontopsicológica. Na área científica, a pesquisa visa resgatar e compreender conceitos e fundamentos teóricos e práticos da Psicanálise, da Gestalt-terapia e da Ontopsicologia, a fim de demonstrar diferenciações e aproximações no que diz respeito a métodos e técnicas utilizados em âmbito clínico.

A psicologia tradicional apresenta diferentes abordagens e métodos de intervenção na práxis clínica, cada uma com suas características. Entender os fundamentos de cada abordagem, os seus fundadores, os principais conceitos, as técnicas que cada uma apresenta, o método de aplicação e intervenção são importantes e basilares para aqueles que se interessam e pretendem atuar como psicoterapeutas.

4. FUNDAMENTAÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos os fundamentos teóricos e práticos, juntamente com os elementos que possibilitam um estudo mais detalhado do tema proposto. Utilizaremos conceitos de autores que discutem sobre o método, técnicas, instrumentos e abordagens clínicas, com a finalidade de identificar aproximações e diferenças entre Psicanálise, Gestalt-terapia e Ontopsicologia.

4.1 PSICANÁLISE: A PSICOLOGIA DO PROFUNDO INCONSCIENTE HUMANO

A Psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud no final do século XIX, é uma das perspectivas mais importantes e discutidas na Psicologia tradicional e moderna. Seu progresso teórico e clínico proporciona um entendimento do funcionamento dos processos mentais, servindo como ferramenta para diagnóstico e intervenção terapêutica clínica.

A Psicanálise não é apenas uma teoria, mas também é um método de pesquisa e um campo de atuação profissional. A psicanálise, como teoria, é marcada por um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento do inconsciente e a estrutura da mente humana, focando na análise do inconsciente e nas influências das experiências infantis no comportamento adulto. Zimerman considera que:

O termo “psicanálise”, por sua vez, alude unicamente àquela modalidade de tratamento que se restringe aos referenciais e fundamentos da ciência psicanalítica tal como ela foi legada por Freud, isto é, o terapeuta trabalha essencialmente com a noção dos princípios e leis que regem o inconsciente dinâmico, e a prática clínica conserva uma obediência aos requisitos psicanalíticos básicos, tais como a instituição e a manutenção de um setting adequado, uma atenção prioritária na existência de um campo analítico, com as respectivas resistências, transferências, contratransferência, além de uma continuada atividade interpretativa (Zimerman 1999, p. 32).

A psicanálise como método de pesquisa é marcada pelo método interpretativo, que procura desvendar os significados ocultos das expressões e manifestações psíquicas através de ações e palavras ou criações imaginárias, como sonhos, delírios, associações livres e atos falhos. No contexto da prática profissional, a psicanálise se refere ao tratamento denominado análise, que busca cura por meio do processo de

autoconhecimento. Portanto, entender a psicanálise implica: "percorrer, no nível pessoal, a experiência inaugural de Freud e buscar “descobrir” as regiões obscuras da vida psíquica, vencendo as resistências interiores" (Bock, Furtado & Teixeira, 2009, p. 47).

No livro: "A Interpretação dos Sonhos" publicado em 1900, Freud apresentou a primeira ideia sobre a estrutura e o funcionamento da mente. A sua teoria indicava a existência de três sistemas ou instâncias psíquicas: o inconsciente, composto por conteúdos removidos que não tem acesso à consciência, devido à censura ou repressão interna, e que em algum momento, foram conscientes, ou ainda podem ser originalmente inconscientes; o pré-consciente, composto por conteúdos que permanecem acessíveis à consciência, que não estão sempre presentes, mas que podem eventualmente se tornar conscientes; e o consciente é a instância que recebe simultaneamente informações do mundo interno e externo enfatizando a percepção de atenção e raciocínio (primeira tópica psicanalítica).

Em sua pesquisa, de 1920 a 1923, Freud remodela a teoria do aparelho psíquico e introduziu os conceitos de Id, Ego e Superego (a segunda tópica psicanalítica):

À medida que se aprofundava na dinâmica psíquica, Freud tropeçava com o campo restrito da teoria topográfica, por demais estática, e ampliou-a com a concepção de que a mente comportava-se como uma estrutura no qual distintas demandas, funções e proibições, quer provindas do consciente ou do inconsciente, interagem de forma permanente e sistemática entre si e com a realidade externa. Desta forma, mais precisamente a partir do trabalho O ego e o id (1923), ele concebeu a estrutura tripartite, composta pelas instâncias do id (com as respectivas pulsões), do ego (com o seu conjunto de funções e de representações) e do superego (com as ameaças, castigos, etc). O paradigma técnico da psicanálise foi formulada por Freud como: “onde houver id (e superego), o ego deve estar” (Zimerman, 1999, p. 24).

O Id é definido como o reservatório da energia psíquica, "o substrato instintivo da mente" (Herrmann, 2015), onde se encontram as pulsões de vida e de morte. As características anteriormente atribuídas ao sistema inconsciente na primeira teoria de Freud agora são atribuídas ao id, que é regido pelo princípio do prazer.

O Ego é o sistema que equilibra as demandas do id, as exigências da realidade e as "ordens" do superego. Ele busca atender aos interesses do sujeito, sendo regido pelo princípio da realidade. Esse princípio, juntamente com o princípio do prazer, orienta o funcionamento psíquico. O ego atua como regulador, modificando o princípio do prazer

para buscar satisfação de acordo com as condições objetivas da realidade. Assim, a busca pelo prazer pode ser substituída por evitar o desprazer, sendo assim:

Ao investigar os processos de concepção, a Psicanálise interessa-se por todos, mas centra sua atenção na questão dos conteúdos muito carregados de afeto, de prazer ou desprazer. O princípio básico do funcionamento mental, segundo Freud, é o de evitar desprazer. Nós já vimos que ideias capazes de gerar desprazer ou dor psíquica são impedidas de emergir à luz da consciência. O inconsciente, portanto, é o lugar teórico das representações recalçadas ou daquelas que nunca puderam chegar à consciência, das pulsões sem representação consciente (Herrmann, 2015, p. 20).

As funções básicas do ego então incluem percepção, memória, sentimentos e pensamento. O superego se origina com o complexo de Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade.

O Superego, é uma parte consideravelmente diferenciada do ego, sendo a terceira instância do aparelho psíquico definido por Freud. Sua diferenciação se dá em seus interesses que se separam dos do ego e podem até mesmo se opor a eles. O superego atua como um filtro das funções do ego, incentivando o que deve ser processado e proibindo o restante. As funções do superego envolvem a moralidade e os ideais, e seu conteúdo refere-se às exigências sociais e culturais. Desta forma, Herrmann (2015) considera que:

O juízo moral do superego é frequentemente primitivo, chocando-se com as aquisições mais elevadas do ego. É um juiz, mas não é um bom juiz. Às vezes proíbe coisas que o ego mais desenvolvido poderia fazer com perfeito sucesso, só porque não o poderia ter feito nos tempos de sua origem (Herrmann 2015 p. 22).

No bom funcionamento da mente, o id fornece energia pulsional que o ego, com a permissão do superego, converte em pensamentos conscientes, projetos e ações, servindo aos propósitos das pulsões.

4.1.1 A ESTRUTURA DA MENTE EM PSICANÁLISE: CONCEITOS E DESCOBERTAS

A Psicanálise é estruturada em torno de alguns conceitos fundamentais. "Freud define a psicanálise como um procedimento de investigação dos processos mentais, um método de tratamento e uma disciplina científica" (Zimmerman, 1999, p. 31) que

norteiam tanto a compreensão teórica quanto a prática clínica, tornando importante destacar alguns desses conceitos e descobertas centrais apresentados por Freud.

Com base nas pesquisas deste autor e tendo em vista o objetivo deste trabalho, os seguintes conceitos foram listados: resistência, repressão, libido, realidade psíquica, pulsão, sintoma, negação, racionalização, sublimação, deslocamento e regressão. Tendo em vista o aspecto dinâmico da psique, bem como o seu desenvolvimento, fez-se fundamental abrir outros conceitos complementares. A resistência indica que algo relevante está prestes a ser revelado, mas o próprio ego se protege contra essa revelação (Freud, 1926). A resistência pode manifestar-se de várias maneiras, como esquecimentos, mudanças de assunto ou desinteresse pela terapia. Refere-se à oposição inconsciente do paciente ao processo terapêutico e à revelação de conteúdos reprimidos;

Freud (1915) coloca que a repressão como mecanismo de defesa primário impede que conteúdos, especialmente relacionados a desejos e impulsos inaceitáveis, cheguem à consciência e que a finalidade da repressão está em afastar da consciência algo que é intolerável.

A libido para a psicanálise é a energia que se manifesta e motiva o comportamento sexual e todos os comportamentos relacionados ao prazer (Freud, 1905). A libido é a energia sexual que impulsiona os comportamentos humanos, sendo uma das forças mais importantes na teoria do desenvolvimento psicosssexual de Freud.

Em relação ao conceito de realidade psíquica, Freud (1900) argumenta que a realidade psíquica tem maior relevância para o indivíduo do que a realidade objetiva, uma vez que suas ações e comportamentos são guiados pelas percepções subjetivas do mundo. Os desejos reprimidos, as fantasias e os traumas do passado, mesmo que não correspondam à realidade objetiva, têm efeitos profundos no funcionamento psíquico do sujeito.

Pulsão, segundo Freud (1915), está relacionada à ideia de uma força interna que impulsiona o comportamento humano, intermediando as necessidades biológicas e a ação psíquica, e distingue entre duas categorias de pulsões: as pulsões de vida (*eros*), ligadas à preservação e reprodução da vida, e as pulsões de morte (*thanatos*).

Freud (1905) identificou que os sintomas podem se manifestar fisicamente, como no caso das conversões histéricas, ou de maneira comportamental, como nas compulsões e fobias. Os sintomas, portanto, são manifestações indiretas de desejos e impulsos reprimidos que encontraram uma saída simbólica e não podem ser expressos diretamente.

Também são importantes, para a psicanálise, os mecanismos de defesa descritos por Freud, que são processos inconscientes realizados pelo ego e ocorrem independentemente da vontade do sujeito.

Freud (1926) apontou que a negação é uma forma de defesa que impede a pessoa de reconhecer fatos evidentes. Quando o sujeito se encontra no estado de negação pode reconhecer certos aspectos da realidade, mas se recusa a aceitar as implicações emocionais e psicológicas desses fatos.

A Racionalização é o mecanismo que consiste em justificar ou dar explicações lógicas e aceitáveis para comportamentos ou sentimentos que, na realidade, são movidos por impulsos irracionais ou inaceitáveis. Para Freud (1908), ao racionalizar o indivíduo encontra justificativas plausíveis para atos e desejos que poderiam causar desconforto ou culpa. Esse processo permite que a pessoa mantenha uma autoimagem positiva, ao mesmo tempo em que oculta os verdadeiros motivos de suas ações.

A Sublimação é um dos mecanismos de defesa que envolve a transformação de impulsos inaceitáveis ou considerados socialmente inadequados em atividades ou realizações que são aceitas e até valorizadas pela sociedade. Neste processo a energia da libido é investida para que o sujeito alcance objetivos que não são de referência sexual, mas algo mais elevado, tanto culturalmente quanto socialmente (Freud, 1915).

O mecanismo de deslocamento possibilita que a pessoa manifeste sentimentos, como raiva ou frustração, de maneira menos direta, porém não menos intensa. Freud (1900) considera que o deslocamento é um processo em que o conteúdo emocional de uma ideia ou lembrança é transferido para outro objeto, menos ameaçador ou mais tolerável. A transferência de sentimentos, impulsos e anseios de um alvo inicial, que pode ser intimidador ou inalcançável, para um alvo substituto que seja menos intimidador ou mais acessível, é conhecida como deslocamento.

Freud (1900) esclarece que a regressão é um mecanismo de fuga, uma tentativa do ego de voltar a um estágio mais seguro e confortável quando se depara com desafios ou perigos. A regressão é o retorno a fases passadas do desenvolvimento psicosssexual em resposta a circunstâncias de estresse ou ansiedade. Ao longo da regressão, a pessoa pode incorporar comportamentos infantis ou traços de etapas anteriores do seu desenvolvimento.

Esses mecanismos agem de forma a não permitirem que o sujeito enxergue a realidade como ela é. Em seu trabalho investigativo, Freud apresentou algumas descobertas e considera que o desenvolvimento humano passa por várias fases

psicossexuais e cada fase é caracterizada pelo foco em diferentes zonas erógenas e conflitos específicos, cuja resolução ou fixação pode influenciar a personalidade adulta conforme destaca Bock, Furtado & Teixeira (2009):

Descobriu que a maioria de pensamentos e desejos reprimidos referiam-se a conflitos de ordem sexual, localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos, isto é, que na vida infantil estavam as experiências de caráter traumático, reprimidas, que se configuravam como origem dos sintomas atuais. Confirmava-se, dessa forma, que as ocorrências deste período da vida deixam marcas profundas na estruturação da pessoa (Bock, Furtado & Teixeira, 2009, p. 50).

Em relação a isso, o conceito do complexo de Édipo, é definido como "o fenômeno central do período sexual da primeira infância" (Freud, 1923, p. 102). Trata-se de um conjunto de desejos e emoções inconscientes que a criança desenvolve em relação aos pais ao longo do desenvolvimento psicossexual, especialmente na fase fálica (entre os 3 e 6 anos de idade). Freud, em suas pesquisas, enfatizou que o complexo edípico é universal e fundamenta as normas culturais e familiares de todas as sociedades (Freud, 1924).

A partir dessas descobertas, a sexualidade passa a ser colocada no centro da vida psíquica e postula a existência da sexualidade infantil, sendo que "estas afirmações tiveram profundas repercussões na sociedade puritana da época, pela concepção vigente da infância como "inocente"" (Bock, Furtado & Teixeira, 2009, p. 50). As fases psicossexuais posicionadas por Freud a respeito do processo de desenvolvimento do indivíduo e relativos conflitos de ordem sexual são: a fase oral, anal, fálica, latência e genital.

Outra ferramenta importante na construção da teoria e na prática clínica da psicanálise, é a interpretação dos sonhos. Freud elaborou uma teoria revolucionária acerca dos sonhos, considerando esses fenômenos psíquicos como "a via régia para o inconsciente" (Freud, 1900, p. 312). Freud defende que os sonhos são expressões de desejos inconscientes reprimidos que, por causa das limitações colocadas pela consciência, só conseguem se manifestar de forma simbólica durante o sono. Segundo Freud (1900), o conteúdo explícito no sonho, ou seja, aquilo que o sonhador recorda ao acordar, se distingue do conteúdo latente, que simboliza os desejos e impulsos inconscientes que deram origem ao sonho.

Segundo Freud (1900), a interpretação dos sonhos consiste em decifrar os símbolos neles contidos, possibilitando que o conteúdo latente seja acessado pela

consciência. Freud defendia que os sonhos revelam desejos reprimidos, muitas vezes associados a impulsos sexuais ou agressivos, que não podem ser manifestados diretamente devido às limitações impostas pelas normas sociais e pela repressão exercida pelo superego. Por meio da interpretação de sonhos, o analista tem a capacidade de alcançar níveis mais profundos da psique, revelando os conflitos internos do sujeito. Ele enfatizou que a interpretação dos sonhos requer uma análise detalhada, pois os símbolos dos sonhos podem ter diferentes significados de acordo com a trajetória de vida e o contexto emocional de cada pessoa.

4.1.2 O MÉTODO INTERPRETATIVO PSICANALÍTICO

Na busca de compreender os processos psíquicos por meio da exploração do inconsciente e respaldada na escuta e na interpretação de relatos dos pacientes, a psicanálise busca trazer à consciência os conteúdos reprimidos que influenciam os comportamentos e pensamentos do indivíduo. A prática clínica psicanalítica é caracterizada por uma série de técnicas específicas e conceitos que são utilizados na terapia individual e em contextos de grupo, organização e cultura.

Freud propôs que os conflitos inconscientes, geralmente decorrentes de desejos reprimidos e de natureza sexual, são os causadores de sintomas psicológicos e comportamentais na fase adulta (Bock, Furtado & Teixeira, 2009). Portanto, a pesquisa psicanalítica visa desvendar e compreender esses conflitos, oferecendo percepções que podem auxiliar na solução de sintomas e no aprimoramento do bem-estar psicológico. "O método psicanalítico empregado para decifrar o real, entender o sintoma individual ou social e suas determinações, é o interpretativo" (Bock, Furtado & Teixeira, 2009, p. 55), que oferece uma perspectiva aprofundada e compreensiva para a exploração do inconsciente individual.

A técnica da interpretação é o meio pelo qual o analista devolve ao paciente significados ocultos em seus discursos e comportamentos. A interpretação não busca uma verdade objetiva, mas sim uma possibilidade do sujeito ressignificar suas experiências e construir uma narrativa mais integrada.

Na abordagem psicanalítica, há uma distinção fundamental entre os conceitos de método e técnica, que se estende também à psicologia de modo geral. Para Freud (1920), o método refere-se ao conjunto de princípios e fundamentos teóricos que

orientam a prática clínica, enquanto a técnica está relacionada às ferramentas e procedimentos específicos utilizados para aplicar esses princípios no tratamento.

O método psicanalítico envolve a exploração do inconsciente e a busca por elucidar os processos psíquicos latentes aos sintomas manifestados pelos pacientes. Esse método é guiado pela associação livre, interpretação dos sonhos, análise das resistências e transferência, sempre buscando acessar conteúdos reprimidos. Por outro lado, a técnica psicanalítica consiste nas estratégias práticas que o analista utiliza para conduzir as sessões terapêuticas, como a postura de neutralidade, a escuta ativa e a intervenção pontual por meio da interpretação dos conteúdos trazidos pelo paciente. Nas palavras de Roudinesco e Plon (1998, p. 42), "a técnica é a aplicação concreta do método psicanalítico no tratamento, adaptada às necessidades singulares de cada paciente". Assim, enquanto o método oferece uma estrutura teórica, a técnica se adapta às circunstâncias do caso clínico.

O *setting* analítico, que envolve a disposição do consultório e a posição do analista, é estruturado para promover um ambiente onde o paciente se sinta seguro para explorar seus pensamentos e sentimentos mais profundos. Ao tratar sobre o *setting*, Barros (2013, p. 71) destaca que "no campo psicanalítico, o setting é um espaço que se oferece para propiciar a estruturação simbólica dos processos subjetivos inconscientes, reunindo as condições técnicas básicas para a intervenção psicanalítica". A aplicação do método de investigação psicanalítica envolve um processo terapêutico prolongado, onde o terapeuta e o paciente colaboram para explorar os conteúdos inconscientes e resolver conflitos internos. A psicanálise é utilizada para tratar uma ampla gama de distúrbios psicológicos, incluindo neuroses, transtornos de personalidade e sintomas psicossomáticos.

A análise dos sonhos é outro elemento crucial da técnica psicanalítica, sendo considerada por Freud (1900) como a via régia para o inconsciente. A análise dos sonhos possibilita ao analista reconhecer os anseios reprimidos e conflitos não resolvidos, proporcionando ao paciente percepções valiosas sobre sua vida mental.

Durante as sessões, o analista adota uma postura neutra e abstinente, permitindo que o paciente projete livremente seus sentimentos e fantasias, conforme Souza e Coelho:

A atenção flutuante é, de acordo com Freud, a contrapartida da associação livre (FREUD, 1996[1914]). Mantendo uma escuta flutuante, o analista também deixa seu inconsciente associar livremente e não tenta memorizar ou selecionar trechos do discurso do analisando que, conscientemente, lhe pareçam importantes de destaque. É este julgamento que é dispensado na

técnica, afinal, quando selecionamos o que escutar, nos arriscamos a não saber nada além do que já sabemos, ou além do que pensamos que já sabemos (Souza e Coelho, 2012, p. 102).

A análise cuidadosa dos materiais trazidos pelo paciente, como relatos de sonhos, associações livres e episódios de transferência, forma a base do trabalho terapêutico do analista. Através da interpretação e da confrontação, o analista auxilia o paciente a alcançar insights profundos e a integração de aspectos inconscientes de sua psique (Zimerman, 1999).

Desta forma, a psicanálise se distingue por seu método e suas técnicas específicas, que, combinadas, proporcionam um espaço terapêutico singular para a exploração do inconsciente. Suas técnicas específicas, como a livre associação de ideias, a interpretação dos sonhos e a análise das transferências, oferecem instrumentos importantes para compreender e resolver os conflitos internos dos pacientes.

4.2. GESTALT-TERAPIA: A ARTE DO VIVER NO AQUI-AGORA

A concepção da Gestalt-terapia se dá na década de 1940, porém seu desenvolvimento mais significativo acontece em 1951 em Nova York. Adentrando aos entendimentos ao que se refere a Gestalt-terapia, Santos et. al consideram:

gestalt corresponde a uma forma, uma integração de partes, uma totalidade indivisível. Já a palavra *terapia* tem origem no vocábulo grego *therapeia*, que significa ato de curar ou reestabelecer-se. Esse termo, por sua vez, remonta ao verbo grego *therapeuein*, que significa “curar” ou “realizar tratamento médico” (Santos et. al; 2020, p. 361).

Criada por Fritz Perls, a Gestalt-terapia é um método terapêutico que foca na percepção e vivência no presente, em vez de focar apenas no passado ou no futuro. Seu objetivo é auxiliar a pessoa a se conscientizar de seus pensamentos, emoções e comportamentos, visando promover a harmonia entre mente, corpo e espírito. Conforme Stevens (1977):

Gestalt-terapia, embora formalmente apresentada como um tipo de psicoterapia, é baseada em princípios que são considerados como uma forma saudável de vida. Em outras palavras, é primeiro uma filosofia, uma forma de ser, e com base nisto, há maneiras de aplicar este conhecimento de forma que outras pessoas possam beneficiar-se dele. Gestalt-terapia é a organização prática da filosofia da *gestalt*. Felizmente, o *gestalt-terapeuta* é antes identificado por quem ele é como pessoa, do que pelo que é ou faz. A suposição é que as premissas que fundamentam o modelo psicoterápico são tão apropriadas em casa como no escritório, tão aplicáveis à criança sadia, quanto à perturbada, tão relevantes numa festa, quanto num seminário: como

professor ou como aluno, como supervisor ou senador. (Stevens, 1977, p. 14, *apud* Kempler, 1973, p. 273).

Perls e seus colaboradores, como Laura Perls e Paul Goodman, elaboram uma síntese coerente que integra diversas correntes filosóficas, metodológicas e terapêuticas europeias, americanas e orientais. Dessa forma, eles construíram uma nova "Gestalt", onde o todo é diferente da soma de suas partes (Ginger & Ginger, 1995). Essa abordagem foi influenciada por diversas correntes filosóficas e psicoterapêuticas, é uma teoria da personalidade e psicoterapia que faz parte da "terceira força" em Psicologia, ou corrente humanista, que surgiu como resposta às abordagens psicanalítica e comportamentalista, sendo que "a filosofia da Gestalt serve como uma orientação de vida, um lembrete de que a consciência é sempre útil, e oferece técnicas e estratégias específicas que podemos usar para caminhar em direção a uma maior tomada de consciência" (Stevens, 1977, p. 15).

A Gestalt-terapia além de ser uma psicoterapia, é uma filosofia existencial, uma "arte de viver" que propõe uma maneira única de entender as relações do ser humano com o mundo (Ginger & Ginger, 1995). Ocupa uma posição na junção entre várias abordagens terapêuticas e filosóficas, como a psicanálise, as terapias psicocorporais de inspiração reichiana, o psicodrama, o sonho-desperto, os grupos de encontro, além das abordagens fenomenológica e existencial e das filosofias orientais. Ou seja, "a Gestalt-terapia se coloca do lado das psicoterapias humanísticas, o que significa que contém e promove a ideia do homem como centro, como valor positivo, como capaz de se autogerir e regular-se" (Ribeiro, 1985, p. 29).

A Gestalt-terapia, fundamentada na ideia do ser humano como um ser relacional, destaca a totalidade e a integração do indivíduo, indagando como uma unidade biopsicossocioespíritual em interação contínua com o ambiente, dando ênfase ao presente como o instante de mudança (Martins, 1995).

Perls, junto com sua esposa Laura e outros colaboradores, desenvolveu essa abordagem influenciada por pensadores como Goldstein, Adler, Jung, Buber e Rank, além de correntes filosóficas como o existencialismo e o taoísmo. A Gestalt-terapia integra a percepção de que o todo é diferente da soma das partes, conceito derivado da Psicologia da Gestalt, e que a percepção depende da totalidade das condições estimulantes, levando em conta tanto as características do estímulo quanto a organização perceptiva do indivíduo (Ribeiro, 1999).

Ribeiro (1985) ainda considera que a Gestalt-terapia não é uma antipsicanálise, mas que esta é uma proposta de vida existencial em contato com a realidade, no aqui e agora, que exige mais responsabilidade pelo fato de propor uma liberdade mais consciente e contínua dos fatos da realidade vivida pelo sujeito.

4.2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA EXPERIÊNCIA NO AQUI-AGORA DA GESTALT-TERAPIA

Um dos pilares da Gestalt-terapia é o conceito de *awareness*, ou consciência, que envolve estar presente e atento ao que ocorre internamente e externamente, sem julgamentos ou interpretações distorcidas. A *awareness* permite que o indivíduo se torne mais consciente de suas sensações, sentimentos, pensamentos e comportamentos (consciência de si e consciência perceptiva), promovendo uma maior capacidade de autorregulação e adaptação às suas necessidades. A partir dessa consciência ampliada, o cliente é incentivado a tomar decisões mais autênticas e alinhadas com suas necessidades reais (Ginger & Ginger, 1995).

Outro conceito fundamental é o de figura e fundo, que se refere à forma como o indivíduo organiza suas percepções e experiências. "Figura-fundo é um dos conceitos mestres da Gestalt-terapia, bem como insubstituível na compreensão das leis de organização" (Ribeiro, 1985, p. 73). Na Gestalt-terapia, a figura representa o que está no foco da atenção do cliente no momento, enquanto o fundo é o contexto em que essa figura se insere. A terapia ajuda o cliente a trazer para o foco aspectos importantes que podem estar no fundo de sua consciência, facilitando o processamento de conflitos ou emoções reprimidas. Essa dinâmica figura-fundo é essencial para a compreensão do comportamento humano, pois revela como as pessoas lidam com suas experiências ao longo do tempo.

A autorregulação orgânica é outro conceito central na Gestalt-terapia. Esse princípio se baseia na ideia de que o organismo possui uma capacidade inata de buscar equilíbrio e atender às suas necessidades de forma saudável. Quando esse processo é interrompido, surgem disfunções e desconfortos emocionais. A Gestalt-terapia visa restaurar essa capacidade de autorregulação, ajudando o indivíduo a reconhecer e responder adequadamente às suas necessidades, em vez de agir de acordo com expectativas externas ou padrões de comportamentos rígidos.

Desta forma, a ênfase na experiência do aqui e agora é uma das características mais marcantes da Gestalt-terapia. Esse foco no presente permite que o cliente explore e trabalhe suas emoções e pensamentos de forma imediata, sem evasões para o passado ou projeções para o futuro. Através do engajamento com o momento presente, o cliente aprende a lidar com suas experiências de forma direta e autêntica, facilitando o crescimento pessoal e a resolução de conflitos. Assim, a Gestalt-terapia oferece um caminho para a autodescoberta e o desenvolvimento de uma vida mais integrada e consciente.

Esses princípios fundamentais como *awareness* (consciência), figura e fundo, regulação orgânica e o enfoque no presente formam a fundação teórica da Gestalt-terapia, proporcionando uma terapia que valoriza a experiência pessoal e a habilidade do sujeito de descobrir suas próprias respostas. A Gestalt-terapia, ao fomentar uma consciência ampliada e a integração das diversas facetas da experiência humana, visa promover o desenvolvimento de um senso de equilíbrio e autenticidade, tornando-se uma ferramenta eficaz na área da psicoterapia.

4.2.2 GESTALT-TERAPIA: TÉCNICA E MÉTODO FENOMENOLÓGICO

A Gestalt-terapia é uma abordagem psicoterapêutica que se distingue pelo seu método fenomenológico e experiencial, centrado na compreensão do indivíduo como um todo integrado "fazer Gestalt-terapia significa estar à cata desta correlação objeto-consciência, desta existência que, em última análise, é um nascimento novo que surge quando se chega. de fato, às coisas mesmas" (Ribeiro, 1985, p. 46). O método da Gestalt-terapia é profundamente embasado na ideia de que o indivíduo possui em si mesmo os recursos necessários para lidar com seus desafios, sendo o papel do terapeuta facilitar o acesso a esses recursos por meio de intervenções que promovem a autoconsciência e a integração das experiências (Perls, 1997).

O método refere-se ao modo como a terapia se desenvolve, à filosofia subjacente e à abordagem geral que guia a prática terapêutica. Já a técnica corresponde às ferramentas específicas que o terapeuta utiliza no decorrer do tratamento para alcançar os objetivos propostos pelo método.

O método da Gestalt-terapia é centrado na fenomenologia e na ênfase na experiência do "aqui e agora", onde o terapeuta e o cliente exploram as situações que emergem no momento presente. O foco é promover a conscientização, através de

pensamentos, percepções, sentimentos, emoções, fazendo com o que o indivíduo tenha consciência de si mesmo, e o desenvolvimento da autorregulação do cliente. Essa abordagem holística visa integrar os aspectos sensoriais, emocionais e cognitivos do indivíduo, buscando um equilíbrio entre as polaridades internas (PERLS, 1997).

Por outro lado, as técnicas na Gestalt-terapia são as intervenções práticas que o terapeuta aplica, como a técnica da cadeira vazia, o ensaio mental ou o uso de dramatizações, para facilitar a conscientização e a resolução de conflitos internos. Essas técnicas são instrumentos adaptáveis ao contexto de cada cliente, e embora sejam derivadas do método, não se limitam a ele. enfatiza que a técnica deve ser aplicada de forma criativa e espontânea, respeitando o fluxo da experiência do cliente, o que reforça a flexibilidade característica da Gestalt-terapia.

Classificada entre as psicoterapias humanistas, a Gestalt-terapia propõe a valorização do ser humano como elemento central, com um enfoque positivo, reconhecendo-o como capaz de autogestão e autorregulação, conforme destaca Ribeiro:

Uma psicoterapia, preocupada com a valorização do humano, procura diretamente lidar com o que de positivo tem a pessoa, procura lidar com seu potencial de vida (saúde, beleza, força, etc.), procura fazer com que o cliente tome, de fato, posse de si mesmo e do mundo. Tal postura não significa que não se tente compreender o sentido das limitações, das fronteiras, da morte, no contexto da psicoterapia, pois, psicoterapia tem que ser expressão e compreensão da própria vida. E a postura humanística que, sem esquecer os limites pessoais, os fracassos e impossibilidades de mudanças, aqui e agora, procura fazer uma reflexão a partir do positivo, do criativo, do que é ainda potencialmente transformador; enfim, daquilo que, talvez sem o perceber, o cliente tem à sua disposição, como principal e, às vezes, única porta de saída para sua recuperação e renascimento (Ribeiro, 1985, p. 29).

No cerne do método da Gestalt-terapia está a prática fenomenológica, que busca compreender a experiência do cliente sem julgamentos ou preconceitos, "que consiste em uma suspensão (epoché) de todo e qualquer posicionamento ontológico-epistemológico frente ao que pretendemos investigar" (Feijoo e Goto, 2017, p. 05). O terapeuta adota uma postura de "não saber" e se coloca como um observador participante, explorando com o cliente o que está ocorrendo no momento presente. Essa abordagem fenomenológica sendo um método de compreensão da realidade, ao qual ajuda o psicoterapeuta a descrever e interpretar os fenômenos no momento presente (Ribeiro, 1985), permite conduzir o cliente a identificar e explorar as suas sensações, emoções e pensamentos à medida que surgem, sem a necessidade de encaixá-los em categorias predefinidas. Esse processo promove uma maior clareza sobre as

experiências vividas e facilita a emergência de novos insights e perspectivas no aqui e agora.

A utilização de técnicas experienciais é outro componente essencial do método da Gestalt-terapia. Essas técnicas, como a "cadeira vazia", a dramatização e a amplificação de gestos, são utilizadas para ajudar o cliente a vivenciar e expressar plenamente suas emoções e conflitos internos. Através dessas práticas, o cliente é capaz de explorar aspectos reprimidos ou inconscientes de sua experiência, trazendo-os para a consciência e integrando-os de maneira mais saudável. Ribeiro (1985) destaca que:

A técnica é, pois, um aqui e agora vivenciado, é uma resposta a um movimento que vem de dentro do cliente e que não pode sozinho expandir-se. Ela não produz, ela vai ao encontro de algo que já está ali e precisa apenas ter condições de aparecer e produzir efeitos (Ribeiro, 1985, p. 122).

O terapeuta, nesse contexto, atua como um facilitador, guiando o cliente na exploração dessas experiências de forma segura e construtiva, fazendo com que o cliente se dê conta e tome consciência de como ele realmente é no aqui agora, tornando-o mais consciente das suas experiências, emoções e conflitos internos.

O setting na Gestalt-terapia desempenha um papel fundamental no processo terapêutico, pois cria o ambiente e as condições necessárias para que o cliente possa se engajar plenamente na experiência, também conhecido como enquadramento. O setting inclui tanto os aspectos físicos do espaço quanto os fatores relacionais que orientam a interação entre terapeuta e cliente. Nesse contexto, a abordagem da Gestalt-terapia enfatiza a presença ativa do terapeuta, o espaço de liberdade para o cliente e a valorização do "aqui e agora", que são elementos centrais para o sucesso da terapia (Yontef, 1998).

No plano relacional, o setting da Gestalt-terapia se distingue por uma abordagem de diálogo autêntico entre terapeuta e cliente, onde ambos são vistos como co-criadores do processo terapêutico. O terapeuta assume um papel ativo, não apenas como observador, mas como um participante que também está presente no "aqui e agora", oferecendo retorno direto e reflexões a partir de suas próprias percepções (Yontef, 1998). Esse tipo de interação fortalece a relação terapêutica e cria um ambiente de confiança mútua, necessária para que o cliente explore suas questões de forma profunda e autêntica.

Junto a isso, o método da Gestalt-terapia valoriza a relação terapêutica como um espaço de co-criação entre terapeuta e cliente. Essa relação é vista como um encontro autêntico, onde ambos os participantes estão envolvidos no processo terapêutico de maneira genuína e recíproca. Conforme Ribeiro (1985):

Como em Gestalt-terapia se trabalha basicamente com o presente, é aí que vamos proporcionar a formação e eliminação de Gestalts, ou seja, fazendo o indivíduo estar constantemente consciente de suas necessidades, seja em forma de pensamentos, percepção, sentimentos ou emoções, ou ainda, dentro de um enfoque fenomenológico, criando condições permanentes para que cada um tenha consciência daquilo que ele realmente é (Ribeiro, 1985, p. 122).

O terapeuta, ao manter uma postura de presença plena e respeito, cria um ambiente seguro para que o cliente possa explorar suas experiências sem medo de julgamento. Esse relacionamento terapêutico, baseado na confiança e na empatia, é fundamental para o sucesso do processo terapêutico, pois permite que o cliente se sinta apoiado enquanto navega por suas emoções e desafios pessoais.

4.3 ONTOPSICOLOGIA: CIÊNCIA INTERDISCIPLINAR E INOVADORA

A Ontopsicologia é uma ciência contemporânea, dedicada à análise da atividade psíquica. Inserida no contexto das correntes modernas da psicologia, especialmente na linha da psicologia humanista-existencial. Conforme Meneghetti (2010, p. 73):

"humanista" porque é antropocêntrica: qualquer verdade existencial é válida exclusivamente se conformada ao homem. O homem é amado e desejado à imagem e semelhança do Ser. "Existencial" porque qualquer fenomenologia do devir é compreendida somente se radicada, motivada, impelida e esperada, causa e escopo do ser (Meneghetti 2010, p. 73).

A Ontopsicologia concretizou a fenomenologia humanista na radicalidade ontológica, desta forma, essa abordagem integra elementos da psicanálise ortodoxa e considera as interações da física nuclear, especialmente no que se refere aos comportamentos das vetorialidades subatômicas. A Ontopsicologia apresenta como visão "o homem, protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser" (Meneghetti, 2010, p. 130). Ela se distingue das demais ciências, sobretudo por introduzir um método bilógico, que, além de empregar os processos indutivo e dedutivo, traz a inovação de três descobertas principais: o campo semântico, o Em Si ôntico e o monitor de deflexão.

A impostação, fundamentada em um estudo rigoroso e no confronto entre diversas correntes da psicologia ao longo da história, era clara do ponto de vista filosófico. No entanto, surgiu a necessidade de uma verificação experimental que comprovasse a validade dessa novidade científica. Meneghetti buscava, no campo da psicologia, uma verificação clínica que fornecesse evidências empíricas dos resultados obtidos. Conforme Accorsi (2021):

A experimentação empírica de Meneghetti, inicialmente por meio da Psicoterapia, avança na direção da busca da compreensão do humano e da promoção de sua saúde. Esse percurso culminará nas três descobertas científicas que caracterizam a novidade científica da Ontopsicologia (ABO, 2015), na formação de inúmeros profissionais pelo mundo e na produção de mais de 40 obras (Accorsi, 2021, p. 38).

Meneghetti definiu uma metodologia clínica inovadora, distinta tanto da psicanálise quanto da terapia de Rogers, por meio do sucesso na cura das patologias mentais, e formalizou, de modo mais amplo e detalhado, os aspectos teóricos dessa abordagem.

Meneghetti (2010) destaca que a Ontopsicologia não nasceu para resolver um problema particular, de um aspecto de cura, de economia, de arte. Mas de uma tomada de consciência sobre um estado de confusão em que se encontrava toda a pesquisa científica feita por milênios na história humana: "A Ontopsicologia nasce como hipótese resolutiva ao problema crítico do conhecimento, porque se a inteligência humana não resolve isso, deve aceitar o fracasso existencial, não apenas o científico" (Meneghetti, 2010, p. 106).

Adentrando nas descobertas científicas da Ontopsicologia, de fato, Meneghetti descobriu três realidades que coordenam a compreensão da existência humana: o Em si ôntico (a essência virtual e formal), o campo semântico (a transferência) e o monitor de deflexão (distorção), sobre as quais se funda toda a práxis e teoria ontopsicológica (Meneghetti, 2014).

O ser humano tem intrínseco um princípio, ao qual leva o homem à sua realização madura. Este princípio foi definido por Meneghetti como Em Si ôntico, que significa "em si do fato, do acontecido, daquilo que é. Entendo o primeiro momento, a primeira radicalidade que se torna o constituinte do que é fenomênico, que depois aparece e que sou também eu. É o primeiro real que me faz ser e me identifica" (Meneghetti, 2014, p. 51), que é o fulcro de toda a ciência ontopsicológica, o critério

vital sem o qual não se pode viver. Este critério de realidade e sanidade é o que dá autoridade à ciência ontopsicológica.

“O campo semântico é a comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações” (Meneghetti, 2012, p. 38). É o ponto no qual a vida comunica todas as suas individuações. Portanto, é um mediador de informação, no qual uma informação é transmitida de um indivíduo a outro sem o deslocamento de energia. . O campo semântico, segundo Meneghetti (2014), transmite uma informação, de um indivíduo a outro, e acontece antes de todas as emoções, antes da consciência, antes dos sentidos. É um transdutor que carrega consigo uma imagem, chegando até o receptor estruturando-o em emoção, conforme destaca Meneghetti (2010):

O campo semântico é um transdutor informático sem deslocamento de energia: transmite uma informação, uma imagem, um código que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, ou organizada em vida, comportando uma variante psicoemotiva orgânica. Quando a informação transmitida chega sobre a unidade de ação receptora, a energia do receptor muda, formalizando-se em consequência da informação sofrida. "Transdução informática" significa que o módulo dá a forma de passagem da energia, não dá a passagem de energia. Essa mediação de informação é sempre sinérgica: não transfere energia, mas está com a energia. Trata-se de uma distinção mais lógica que natural. Na natureza, energia e forma não são cindidas, mas coexistem, são inseparáveis. Racionalmente podemos pensá-las distintamente. (Meneghetti, 2010, p. 183).

Enquanto transdutor informático, o campo semântico no momento em que é interceptado dá as coordenadas que o especificam e o acionam, dá a posição e sua direção enérgica através da imagem que carrega. É centrado em uma imagem dominante que se estabelece momento a momento, que age independente da vontade do sujeito, mantendo a comunicação-base inconsciente entre os seres vivos.

O monitor de deflexão é "o mecanismo que interfere na exatidão dos processos cognitivos e voluntarísticos, determinando toda a fenomenologia regressiva conhecida pelo homem como doença, dor, angústia, falência etc." (Meneghetti, 2014, p. 09). É um mecanismo de distorção da realidade. O monitor de deflexão usa a imagem real desviando-a segundo a seleção temática inserida no indivíduo e aprendida na infância.

Outra inovação da Ontopsicologia é a forma de interpretação dos sonhos. Ela descobriu como decodificar e entender as imagens do sonho, identificando e explicando os sinais principais, que geralmente aparecem em três ou quatro símbolos. "O sonho é uma projeção das variáveis e das alterações, tanto funcionais quanto estruturais do nosso organismo. E o reflexo daquilo que na realidade já aconteceu no âmbito da nossa totalidade psíquica e somática" (Meneghetti, 2021, p. 36).

A análise dos sonhos permite obter um quadro preciso e completo, que combina a exatidão do campo semântico com a anamnese linguística. No conteúdo de um sonho, é possível visualizar a história do indivíduo, suas circunstâncias de vida, o comportamento psicológico que adotou e os resultados concretos de suas escolhas (Meneghetti, 2021). Os sonhos contêm uma grande quantidade de informações, e por isso, um observador qualificado pode, a partir de um único sonho, ter acesso a toda a vida de uma pessoa. "O sonho é o espelho holístico da atividade orgânico-funcional do nosso existir" (Meneghetti, 2021, p. 31).

4.3.1 ONTOPSICOLOGIA: CONCEITOS EPISTÊMICOS DE BASE

A Ontopsicologia é uma ciência epistêmica "porque reencontra o fundamento do ser para poder proceder no ser" (Meneghetti, 2010, p. 72) e interdisciplinar. Além de apresentar conceitos próprios da escola ontopsicológica, convalida alguns conceitos de outras abordagens de psicologia que são fundamentais para compreensão e práxis do método ontopsicológico:

Permanecem convalidados os princípios freudianos de Id, Ego, Superego, princípio de prazer e de realidade, instinto de vida e de morte, deslocamento dinâmico, identificação e investimento objetal com cargas e contracargas, angústia real e neurótica, mecanismos de defesa, remoção, projeção, sublimação etc., formações reativas e fixações regressivas, fases oral, anal, fálica, genital, cena primária, e grande parte da análise sobre a dinâmica associacionista e onírica, mantendo sempre na pesquisa o sistema indutivo e nunca o dedutivo. Não concordo no que diz respeito à exposição do complexo edípico (Meneghetti, 2021, p. 21).

Alguns dos diversos conceitos de base que são relevantes a serem apresentados e discutidos, e que são cruciais tanto para o entendimento teórico quanto para a aplicação prática do método ontopsicológico, são apresentados a seguir: atividade psíquica, consciência, critério organísmico, eceidade, percepção, complexo e *transfert*. A ciência ontopsicológica embasa-se no conhecimento teórico de outras correntes científicas, mas introduz na prática clínica a novidade de método, de pesquisa, de análise do campo semântico, tornando esses aspectos os diferenciais da ciência (Meneghetti, 1993).

A Ontopsicologia enquanto ciência possui um objeto, um método e um fim. Tem por objeto de estudo a atividade psíquica, que é inerente à fenomenologia humana, definido como o primeiro mover-se do homem, sendo a causalidade primeira, a energia-base que move o homem. Conforme Meneghetti (2012):

Ao dizer "atividade psíquica" concebe-se o primeiro e fundamental mover-se do homem que, depois, efetua-se como pensamento, emoção, temperamento, caráter, memória, vontade, consciência. Concebe-se a energia-base do universo, cuja propriedade é a de organizar-se intacta ao princípio, enquanto e como quer que se efetue. Enquanto produz já se reorganiza em causa, por isso, é circular ao centro. Por "atividade psíquica", portanto, não se entende o pensamento, a recordação, a emoção, a psicossomática: esses são apenas fenomenologias da pulsão psíquica (Meneghetti, 2012, p. 27).

A consciência funciona como um verdadeiro monitor, um espelho que reflete ou expõe qualquer realidade com a qual se coloca em relação. É como um espelho psicodélico, onde as imagens correspondem exatamente à experiência real. Essas imagens (ou reflexões) e os objetos (ou estruturas relativas) são idênticos e reversíveis, criando uma dinâmica onde o interior e o exterior se intercalam de forma contínua, permitindo uma reversibilidade interativa entre o mundo interno e o externo "a consciência é o fato de conhecer e refletir sem mediação, é um conhecimento intrínseco ao sujeito que conhece: “conhecer conforme a ação” (Meneghetti, 2012, p. 58)..

O cérebro viscerotônico, que faz parte desse sistema, é a primeira manifestação física e emocional do nosso Em Si. Ele reage antes mesmo de qualquer conhecimento consciente, antecipando as respostas do corpo às situações. O critério organísmico é o “complexo de ações e reações determinadas pelo conjunto orgânico-corpóreo: em particular, o cérebro visceral, sistema cardíaco e pulmonar, estômago e funções sexuais e eróticas” (Meneghetti, 2012, p. 70).

Acerca do conceito de *ecceidade* este é compreendido como a experiência de máxima presença identificada. A *ecceidade* “é algo que se é por evidência aqui e assim” (Meneghetti, 2010, p. 154). Cada existência é responsável apenas pelo seu presente, não pelo passado nem pelo futuro. O verdadeiro "amanhã" já se encontra no agora. Quando o sujeito se encontra plenamente no momento presente, suas ações se alinham de tal forma que, por seu valor aqui e agora, inevitavelmente geram crescimento e criam a base para fortalecer, sustentar e trazer alegria ao simples ato de existir:

"*Ecceidade*" é algo que se é por evidência. Procede do ser: o real se abre e se certifica sem mediação. Autojustifica-se por autoposição, ou seja, a verdade é *autóctise*, quando é por autoevidência. Esse é o princípio da Ciência Ontopsicológica: o real evidencia-se pela *autóctise* do indivíduo operador de realidade, não há princípio mais real do que o seu ser-aí. Uso o termo "*autóctise*" em dois modos: o fato em si (*autopôr-se*) e o processo do fazer-se,

a autoconstrução, ou a autóctise histórica como processo psicológico (Meneghetti, 2010, p. 155).

No entanto, muitos homens vivem presos entre o passado e o futuro, um jogo esquizofrênico, cindido, que faz perder o contato com o presente, com o aqui e agora, a única realidade concreta que o humano possui.

O conceito de percepção é definido por Meneghetti como a “atitude para receber ou captar a ação e mensurar-lhe o valor” (Meneghetti, 2012, p. 210). Diz respeito à relação que se instaura através dos cinco sentidos e o sentido interno. São os infinitos modos de comunicação que o homem tem com o mundo concreto, sendo uma atitude para receber e reconhecer a informação concreta ou o símbolo. Meneghetti (2015) destaca e conceitua a percepção da seguinte forma:

"Percepção" são os infinitos modos de comunicação que temos com o mundo concreto; é a relação que instauramos através dos nossos cinco sentidos mais o sexto, o sentido interno. Este é o resultado que faz a proporção de quanto é recebido pelo ouvido, pelo olho, pelo nariz, pelo tato, etc., que é organizado como informação base à totalidade do nosso orgânico (Meneghetti 2015, p. 26).

Outro conceito relevante para a escola ontopsicológica é o complexo, que é “o desvio de uma pulsão que é impedida, ou negada, ou restringida, ou condicionada por uma cena ansiogênica, uma experiência da infância perigosa para o sujeito” (Meneghetti, 2014, p. 86). É o resultado de tantos pequenos “Eu” que se pré-fixaram na infância em decorrência do compromisso que o sujeito fez com uma situação antívida. Essas partes se desenvolvem de modo autônomo, por isso se tornam algo que não se pode eliminar, porque condicionam e moldam o sujeito. Pode ser compreendido, também, como o resultado de um compromisso entre uma pulsão positiva da natureza e o filtro desorganizador do monitor de deflexão:

O complexo não pode ser eliminado, pelo fato de que é sempre o real do sujeito. É uma zona removida que deve ser investida de uma forma nova; tolhida da fixidez do estereótipo, desenvolve-se em circularidade de poder do Eu, o qual adquire um exército a mais. (Meneghetti, 2010, p. 213)

Para a práxis clínica da Ontopsicologia, um conceito que é fundamental a ser compreendido é o *transfert*, que "é o quântico formal que o cliente projeta no psicoterapeuta, manifestando assim a própria tipologia de relação de objeto"

(Meneghetti, 2014, p. 46) a transferência de conteúdo emotivo que possui uma atitude constante que ocorre de um sujeito a outro.

O *transfert* é um elemento fundamental, que faz mediação dentro do processo de psicoterapia e Meneghetti destaca que:

O verdadeiro motivo do *transfert* não é, como entendia Freud, a necessidade de repetir o primeiro amor ou de encontrar um outro sobre o qual investir a primeira modalidade aprendida de investimento sexual ou erótico, mas é a necessidade de continuar a encobrir escolhas que complicam socialmente, escolhas consideradas perigosas, na autoridade de um outro adulto. (Meneghetti, 2016, p. 234).

Meneghetti ainda considera que o *transfert* "é a busca daquele que perdoa gratuitamente dá o aval para continuar a manter a eternidade do infantilismo e do "nismo psíquico" (Meneghetti, 2015, p. 234) em que o sujeito vai em busca de um outro adulto que consente e mantém o infantilismo, na busca de ser compreendido sem mudar, ocasionando a própria perda e investimento sobre um outro.

Nessa relação terapêutica que se estabelece entre cliente e psicoterapeuta, o cliente realiza a transferência do seu modo de amor, ódio, relação que aprendeu na infância. O *transfert* para a Ciência Ontopsicológica se revela de três formas: 1) o *transfert* de sedução: em que o paciente investe o psicoterapeuta com carga sedutora ou erótica a fim de seduzi-lo; 2) *transfert* histórico: em que o psicoterapeuta se torna a referência de um conteúdo de amor ou ódio, que estava removido e historicamente é relacionado a outra pessoa; 3) *transfert* de amor: é potencial orgânico, em que o psicoterapeuta é coenvolvido pelo *Em si* ôntico do paciente, em que é visto como um estímulo e modelo vital para a própria realização. Os dois primeiros são negativos e o psicoterapeuta não deve se deixar reduzir a objeto da afetividade do cliente. "O perigo mais atroz para a vida profissional de qualquer psicoterapeuta é sempre o *transfert*" (Meneghetti, 2010, p. 316).

Ainda dentro do campo teórico, para ter um melhor entendimento da novidade da ciência ontopsicológica e aplicação do método, Meneghetti realizou algumas elucidações a respeito de alguns termos da psicologia clássica, sendo eles: instinto, realidade psíquica, inconsciente, associação, remoção primária e resistência.

O instinto é algo de *semovente*, que se revela através de um comportamento objetual, em relação "a" é uma ordem de vida, um meio de sobrevivência e de autoconservação, é ação que especifica o *Em Si* onde o homem acontece, conforme destaca Meneghetti:

Os instintos são especificações dinâmicas determinadas no ato de acontecimento existencial entre o Em Si individuado e o ambiente circunstante (isto é, a multiplicidade dos outros Em Si individuados). O instinto é o Em Si em referência especificada; é o Em Si intencionado a um objeto cômgruo (Meneghetti, 2015, p. 125).

Por trás do instinto está aquilo que o homem é, é energia, é pulsão, “o instinto é o lugar de individuação da vida” (Meneghetti, 2015, p. 16). O instinto se forma e se fenomeniza como intencionalidade com direção a um objeto, em diversas modalidades do ambiente. O instinto desta forma possui necessidade do pluralismo do ambiente “e dá à medida que são maiores as diferenciações pluralísticas: a minha força necessita da existência de outras forças” (Meneghetti, 2015, p. 125).

A realidade psíquica corresponde aos fenômenos internos que moldam nossa percepção da realidade externa. Trata-se então de inconsciente, de pulsão, de fantasmas, de sonhos, de associações, de transposições oníricas, de alucinações, de visões, de uma estrutura mental que organiza e interpreta eventos e experiências da realidade física de acordo com modelos psíquicos. "O conceito de realidade psíquica, cientificamente a entendo como aquele real dado ou evento que, por meio do campo psíquico, estrutura os modelos ou critérios de evidência de toda a realidade humana e exterior" (Meneghetti, 2015, p. 20). A realidade psíquica é mais determinante do que os próprios fenômenos observáveis, pois é através dela que o ser humano organiza o mundo físico e social ao seu redor: [...] nós devemos compreender a realidade psíquica como o conjunto de uma atividade de pensamento que organiza a realidade física. Deve-se pensar nessa realidade em sentido determinístico, em sentido de determinismo físico (Meneghetti, 2015, p. 20).

O conceito de inconsciente, amplamente desenvolvido na psicanálise, abrange tudo o que está fora do campo de consciência de um indivíduo. Na teoria freudiana, o inconsciente abarca o Id, grande parte do Superego e partes do Ego, "Quando falamos de inconsciente compreendemos: tudo aquilo do qual o indivíduo, a humanidade não se dá conta. É tudo aquilo que é a biologia do indivíduo, de um povo" (Meneghetti, 2015, p. 22).

O inconsciente age de maneira oculta, influenciando o comportamento de forma significativa, ainda que o sujeito não tenha consciência de suas motivações e impulsos. O inconsciente age para além da lógica da consciência, é quântico de vida em sentido psíquico e somático. "O inconsciente não é tenebrosidade de monstros ou caos, mas ordem perfeita da vida no ser humano. É o conjunto global das informações contínuas provenientes do ambiente" (Meneghetti, 2010, p. 210). Desta forma, cada indivíduo age

inconscientemente daquele modo porque é posto naquele conjunto. O autor ainda enfatiza que "a essência do inconsciente corresponde ao Em si do homem" (Meneghetti, 2010, p. 210), porque nele é onde se encontra o Em Si ôntico, o princípio formal da existência humana.

O conceito de associação descreve a maneira como os processos psíquicos se conectam entre si, permitindo que uma ideia evoque outra com base em semelhanças, contrastes ou proximidades. Essa associação é um mecanismo consciente operado pelo Eu, conforme afirma Meneghetti: É o Eu que se sente acuado pela vida, pela emoção, pelo ato que se dá de qualquer modo, e, não conseguindo manter-se íntegro diante dos condicionamentos que considera absolutos, opera deslocamentos considerados equipolentes e não culpáveis (Meneghetti, 2015, p. 30).

A associação primária, fundamental para a interação entre organismo e ambiente, garante a coesão dos fenômenos psíquicos, enquanto a associação contingencial reflete as relações contextuais e históricas que influenciam o comportamento (Meneghetti, 2015).

O conceito de remoção primária refere-se à capacidade do Eu de suprimir impulsos ou pulsões que são percebidos como ameaçadores à integridade do indivíduo, com base nas normas e expectativas sociais:

Originariamente a remoção é a intencionalidade de adaptação própria de cada organismo; a remoção é tão forte quanto forte é a intensidade vital de um organismo; adquire-se a remoção desde o momento em que se encontram o primeiro espermatozóide e o primeiro óvulo (Meneghetti 2015, p. 35).

No processo de remoção trata-se da eliminação da representação consciente de um impulso ou estímulo que se origina no próprio organismo. Esse processo tem suas raízes biológicas e ocorre desde os primeiros anos de vida, constituindo uma habilidade essencial para a preservação do equilíbrio psíquico, sendo uma adaptação biológica para poder sobreviver.

A resistência é entendida como uma forma de autoconservação, na qual o organismo se defende de novas experiências ou mudanças que possam desestabilizar seu equilíbrio. Essa defesa, embora protetiva, pode se tornar patológica quando impede o indivíduo de adaptar-se a novas situações, ou seja, "o sujeito sofre realmente por causa daquilo que ele mais defende ou vice-versa" (Meneghetti, 2015, p. 36). A resistência, nesse sentido, inibe o contato natural com novas oportunidades de

crescimento e enriquecimento, resultando em uma rigidez psíquica. "A resistência é o modo de adaptação de um complexo com prejuízo para o sujeito: o Eu sincretiza-se com uma forma energética não acretiva" (Meneghetti, 2010, p. 314). O indivíduo tenta propor novamente a antiga estratégia aprendida na infância no seio da família, para manter a própria identidade estática e eliminar a inteligência-ponta do contexto..

O Superego "é realidade sempre em antecipação com tudo o que é a esfera consciente do Eu; é uma coação que já operou quando torna-se consciência" (Meneghetti, 2015, p. 49). Na teoria freudiana, atua como uma instância reguladora que organiza as normas sociais e morais dentro da psique do indivíduo. Ele é formado pela internalização das expectativas sociais e exerce um controle sobre os impulsos instintivos do Id. O Superego, ao mesmo tempo em que é vital para a adaptação social, pode também se tornar uma estrutura opressiva, condicionando o comportamento de forma repetitiva e restritiva. De acordo com Meneghetti (2015):

O superego estabiliza um hábito de vida cuja referência está fora daquele organismo; isso quando é patológico. O superego, ao invés, é importante, é vital uma vez que o organismo aprende em poucos anos aquilo que sozinho milhares de anos não seriam suficientes para aprender; o superego é uma riqueza estupenda e muito perigoso. O superego é energia derivada do ambiente social que entra em metabolismo com aquilo que é orgânico e, através de condicionamento repetitivo, determina em permanente reflexo condicionado todo o agir do indivíduo; isto é, por parte do organismo temos uma real recepção energética que se torna estrutura de vida no organismo em si (Meneghetti, 2015, p. 51).

Assim, ele se estabelece como uma energia derivada do ambiente social que molda o agir do indivíduo por meio de condicionamentos. O contexto social é importante, porém deveria fornecer ao sujeito pressupostos mais evoluídos para a qualificação do grupo. Porém, o ambiente impele a coação a repetir, fazendo com que o indivíduo fique estabilizado em referências que não estão de acordo com o organismo, tornando-o objeto do ambiente, realizando somente aquilo que está de acordo com as referências sociais.

Acerca dos termos e conceitos que convalida ou não, Meneghetti também deixa claro que não concorda com o que Freud apresenta sobre a exposição do complexo de Édipo. Para o autor, o complexo de Édipo, de forma diferente da psicanálise freudiana tradicional, não é apenas uma questão psicológica relacionada à rivalidade entre pai e filho pelo afeto da mãe, mas está profundamente enraizado na estrutura psíquica do indivíduo e nas influências culturais e sociais. Meneghetti (2016) considera o complexo

de Édipo como parte de um condicionamento mais amplo que impacta o desenvolvimento da personalidade e a maneira como o ser humano interage com o mundo: “é uma construção de Freud, é um serviço ao monitor de deflexão para destruir parte de um passado que em si mesmo, mais do que ser ineliminável, é uma ajuda à formação da nossa estrutura” (Meneghetti, 2016, p. 62).

4.3.2 O MÉTODO ONTOPSICOLÓGICO

O método da Ontopsicologia, conforme descrito por Meneghetti, é “bilógico, processo racional indutivo-dedutivo, com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão” (MENEGETTI, 2010, p. 131). O método é denominado bilógico porque segue os princípios do positivismo científico, utilizando tanto a indução quanto a dedução como formas de raciocínio lógico:

Dois são os significados para o termo bilógico: a) método indutivo-dedutivo; b) lógica “científica” e lógica “intuitiva”. Mesmo dentro de cada uma das lógicas do método bilógico, existem mais dois modos lógicos nos quais proceder, a saber: 1) na parte do método indutivo-dedutivo, encontramos a lógica indutiva e dedutiva; e 2) na parte do método que usa a lógica “científica” e a lógica “intuitiva”, encontramos cada uma das duas como dois modos de proceder da lógica também (Wazlawick, 2019, p. 9).

Meneghetti afirma que "a Ontopsicologia parte do princípio de que para conhecer o homem, é preciso usar todo o homem. O método ontopsicológico é constante indução bilógica com verificação da funcionalidade subjetiva" (2010, p. 132). Através das três descobertas da Ontopsicologia, é possível acessar dimensões que, dentro do positivismo científico, são vistas como fenômenos paranormais. A Ontopsicologia demonstra que qualquer fenômeno pode ser compreendido dentro de uma lógica científica, embora a ciência tradicional não disponha de ferramentas adequadas para acessar certos aspectos desses fenômenos:

A lógica da razão é dada pelo processo da lógica racional indutivo-dedutiva, unindo-se a esta e acrescentando a lógica intuitiva, dada pela análise cruzada do conhecimento e aplicação das três descobertas da Ontopsicologia– campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão. Não se exclui a razão, mas se lhe acrescenta o critério organísmico. Neste sentido, o critério organísmico é parte essencial do método ontopsicológico, que deve ser conhecido, aprendido e praticado em um *training* de autenticação por parte do operador de Ontopsicologia, para poder aplicar o método ontopsicológico com exatidão e precisão (Wazlawick, 2019, p. 10).

Meneghetti de forma mais objetiva detalha o método ontopsicológico da seguinte forma:

O ontopsicólogo, na sua análise, parte da intuição conduzida através das seis linguagens diagnósticas, com as quais faz uma diagnose completa (indução); sucessivamente demonstra fenomenicamente a intuição (dedução). A intuição é a semântica unidirecional do Em Si, em antecipação ao monitor de deflexão, aos complexos, aos estereótipos culturais e logísticos da sociedade. A indução é a pesquisa dos elementos para chegar à exatidão. A dedução é a partida dos elementos já demonstrados (Meneghetti, 2010, p. 133).

Dessa forma, Meneghetti (2010) aponta as premissas necessárias para a aplicação do método ontopsicológico que consiste em: a) Conhecimento profundo da teoria ontopsicológica; b) Autenticidade do operador, que deve ser exato e capaz de realizar a metanoia, transcender os estereótipos sociais; c) Conhecimento do campo semântico.

Junto ao método, a Ontopsicologia dispõe de instrumentos¹ próprios e inovativos de intervenção, que são os seguintes: psicoterapia individual e de grupo, consultoria de autenticação, consultoria empresarial, imagogia, cinelogia, psicotea, melolística, melodance, hidromúsica solar, residence e ISOMaster.

A prática clínica bem-sucedida é o que dá a passagem ao nascimento da Ontopsicologia, em que Meneghetti, analisou os resultados positivos na psicoterapia, e tornou em teoria a experiência clínica que obteve. Desta forma é importante elucidar alguns aspectos da práxis e novidades da ontoterapia:

A psicoterapia ontopsicológica conduz ao reencontro do verdadeiro ôntico pessoal. À luz desse último, o homem reconhecerá, entre as possibilidades ambientais, aquelas úteis e funcionais para ele e, mediante decisões definidas, colocará com autenticidade as suas escolhas únicas. (Meneghetti, 2010, 284).

A práxis clínica ontopsicológica se direciona ao cuidado de si e da interioridade, especialmente na criatividade, por meio da reeducação do "Eu lógico-histórico" conforme os princípios do critério do Em Si ôntico. A psicoterapia ontopsicológica, segundo Meneghetti (2010), se distingue por seu objeto e método próprios, diferenciando-se de outras formas existentes em outras ciências que possam parecer semelhantes. Assim, a "psicoterapia significa acessar ao em si do constituinte da vida

¹ Para aprofundamentos conferir os textos que tratam de modo mais específico sobre os instrumentos de intervenção da escola Ontopsicológica, na Parte II do livro Manual de Ontopsicologia, p. 281-330 (MENEGETTI, 2010).

que sou, a realidade que aconteço ou ao em si de quanto em mim a realidade acontece" (Meneghetti, 2015, p. 91). O foco específico dessa abordagem é a intencionalidade psíquica, que abrange o aspecto subjetivo e interior do indivíduo, manifestada em todas as formas da sua fenomenologia existencial, neste sentido:

A psicoterapia é inevitável ontoterapia (= ter cuidado com o ser), portanto Ontopsicologia é estudo do ser na alma do homem. Mais exatamente, a arte ou ciência da psicoterapia é a pesquisa da intencionalidade psíquica enquanto constituinte da funcionalidade antropológica e da autorrealização (Meneghetti, 2015, p. 89).

Ainda completa Meneghetti:

Para o psicoterapeuta, o objeto é a intencionalidade psíquica, com todas as próprias vetorialidades dinâmicas e relativos processos de adaptação; o método é intuitivo, indutivo, intersubjetivo e não demonstrável fora da diade paciente-psicoterapeuta (é demonstrável sucessivamente pela efetualidade fenomenológica externa e somática); a intervenção é direta, sem qualquer mediação instrumental e é operada subjetivamente pelo paciente através da intersubjetividade esclarecedora por parte do psicoterapeuta. O diálogo não é causa instrumental, mas ocasional. Toda a entrevista ou *training* é ocasião pré-constituída a fim de que o cliente encontre o próprio ser e, através dele, verifique o próprio comportamento e, portanto, possa decidir a impositação funcional. (Meneghetti, 2015, p. 87).

A psicoterapia ontopsicológica é apoiada na interpretação dos sonhos, com diretividade centrada na pulsão ôntica do cliente “a terapia é fortemente diretiva. Tudo é determinado pela centralidade ôntica do cliente. Cabe dizer que o fulcro da psicoterapia não é determinado por um ponto de convicção psicoterapeuta, mas somente pelo ditado semântico do Em Si do paciente (Meneghetti, 2010, p. 320).

Para Meneghetti essa diretividade é empática onde o ontoterapeuta revela a escolha sem que acrescente a própria ética, deve manter contato com a centralidade orgânica para verificar a cisão entre o Eu e o Em Si, e disso considera:

A diretividade empática do ontopsicólogo consiste em centrar o cliente, para que seja capaz de auscultar-se onticamente e individualizar-se originalmente. A diretiva não é imposição externa, mas ausculta do mais íntimo como determinante último. (Meneghetti, 2010, p. 320).

A Ontopsicologia em sua práxis clínica se utiliza de seis canais diagnósticos que são: anamnese linguística e biografia histórica, análise do sintoma ou problema,

análise fisionômico-cinésico-proxêmica, análise onírica (sonho), análise do campo semântico e resultado. Accorsi (2021), destaca que:

As três primeiras estratégias de análise e diagnose podem ser também observadas na metodologia de outras abordagens psicoterápicas, enquanto os outros três instrumentos (o sonho, o campo semântico e o resultado) são posicionados segundo a específica visão clínica ontopsicológica (Accorsi, 2021, p. 82).

Para o exercício da psicoterapia ontopsicológica, o *setting* terapêutico é moldado por alguns aspectos específicos para que favoreçam a condução do processo, fazendo com que o cliente se sinta centrado em estima e interesse. Desta forma, é preciso se ater a alguns aspectos como: o tempo da sessão, ao posicionamento do psicoterapeuta, ao ambiente, ao pagamento, entre outros.

5. METODOLOGIA

A presente pesquisa é um estudo comparativo com abordagem qualitativa, cujo objetivo é investigar as correlações entre a Psicanálise, a Gestalt-terapia e a Ontopsicologia, com foco nas técnicas de intervenção e prática clínica dessas abordagens. Segundo Fachin (2005), o método comparativo consiste em investigar fatos ou fenômenos, explicando-os com base em suas semelhanças e diferenças. Esse método permite a análise de dados concretos e a dedução de semelhanças e divergências entre elementos constantes, abstratos e gerais, favorecendo investigações indiretas. Esta pesquisa utiliza o método de revisão bibliográfica conforme considerado por (Gil, 2002, p. 44) a pesquisa bibliográfica: "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos".

Para cumprir os objetivos do estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica de textos e artigos científicos, na qual a seleção do material seguiu dois critérios principais: (1) a relevância do conteúdo para a discussão das técnicas de intervenção nas três abordagens e (2) a escolha de textos escritos por autores de reconhecida competência no estudo dessas abordagens terapêuticas. Segundo Marconi e Lakatos (2017), a escolha das fontes relevantes é fundamental para garantir a qualidade e a credibilidade de uma pesquisa bibliográfica.

A abordagem qualitativa, utilizada neste estudo, é adequada para pesquisas que exigem uma compreensão aprofundada e interpretativa das informações coletadas,

especialmente quando o objetivo é comparar teorias, métodos e conceitos (Minayo, 2010). Diferente de abordagens quantitativas, que se concentram na medição de dados objetivos, a análise qualitativa permite explorar a subjetividade e complexidade dos temas, considerando aspectos contextuais e teóricos, o que favorece a construção de interpretações críticas e contextualizadas (Bardin, 2011).

A análise dos dados coletados foi realizada por meio da comparação de teorias e da abordagem qualitativa, conforme indicado por Bardin (2011). As informações extraídas das fontes foram organizadas, categorizadas e comparadas de modo a identificar semelhanças e divergências nas técnicas de intervenção e nos métodos clínicos das três abordagens terapêuticas. Essa comparação permitiu a construção de um panorama crítico das interseções e divergências entre as práticas clínicas analisadas.

Conforme Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica é conduzida com o propósito de fundamentar o objeto de estudo, servindo como uma ferramenta para identificar, analisar e apresentar os elementos que sustentam as análises de dados. Por esse motivo, ela vai além da mera observação dos dados, exigindo do pesquisador uma compreensão aprofundada e a discussão crítica do material consultado.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar a novidade da Ciência Ontopsicológica, por meio do estudo comparativo entre a Psicanálise, Gestalt-terapia e a Ontopsicologia, no campo da teoria e prática clínica. A comparação revela um conjunto de convergências, divergências e aproximações relevantes no que se refere aos seus conceitos, metodologias e aplicações clínicas, contribuindo para a compreensão do ser humano no fato existencial.

Cada uma dessas abordagens apresenta especificidades que, ao serem analisadas em conjunto, permitem um entendimento mais amplo de cada teoria no contexto terapêutico. Essas abordagens compartilham, em certa medida, o foco na integralidade e sanidade do ser humano, mas seguem caminhos metodológicos distintos para alcançar essa compreensão. Em termos de convergências, observa-se que as três abordagens comparadas têm como escopo o entendimento da totalidade do indivíduo e de suas dinâmicas internas.

Conforme apresentado na fundamentação, a Psicanálise enfatiza a exploração do inconsciente, considerando que o inconsciente é composto por conteúdos removidos

que não tem acesso à consciência, devido às censuras ou repressões internas, porém em algum momento chegaram a ser conscientes, ou que ainda podem ser originalmente inconscientes. Já no viés da abordagem Ontopsicológica, o inconsciente é entendido como um quântico de vida somático e psíquico que o indivíduo é, mas que não se dá conta, não é consciente, e que corresponde ao Em Si do homem. a Ontopsicologia convalida parcialmente o conceito de inconsciente (as instâncias apresentadas na primeira fase tópica freudiana), porém com uma visão mais abrangente, onde o monitor de deflexão atua como um mecanismo de distorção da realidade que impede o acesso a pulsão do Em Si Ôntico, ou seja, à verdadeira essência do ser humano.

Por outro lado, embora não se detenha tanto nas profundezas do inconsciente como a Psicanálise, a Gestalt-terapia visa proporcionar uma compreensão mais completa do indivíduo, promovendo o autoconhecimento através da atenção plena ao momento presente, com seu foco na consciência, em fazer o indivíduo estar consciente do seu aqui e agora, nas próprias emoções, pensamentos e percepções. Os gestaltistas, como vimos anteriormente, diminuem a importância dada à influência das experiências passadas no comportamento do indivíduo, mas não a negam.

Ao se comparar as metodologias dessas abordagens, surgem divergências significativas. Na Psicanálise, por exemplo, se utiliza o método analítico interpretativo e as técnicas de interpretação dos sonhos, a associação livre e a análise das resistências e transferências que têm como objetivo acessar os conteúdos reprimidos no inconsciente e permitir que o sujeito tome consciência de seus conflitos internos. A postura do terapeuta é essencialmente neutra, criando um ambiente em que o cliente possa projetar seus sentimentos e experiências inconscientes.

O processo é focado no resgate dos traumas, emoções e sentimentos do passado e na compreensão das estruturas psíquicas reprimidas, que não chegam à consciência mas que moldam a personalidade do indivíduo.

Em contraste, a Ontopsicologia adota um método bilógico, que combina raciocínios indutivos e dedutivos com a novidade dos princípios complementares do campo semântico, do Em Si ôntico e a identificação da interferência do monitor de deflexão. Meneghetti criou uma metodologia clínica inovadora, distinta tanto da psicanálise quanto da Gestalt-terapia em que “a psicoterapia ontopsicológica conduz ao reencontro do verdadeiro ôntico pessoal. À luz desse último, o homem reconhecerá, entre as possibilidades ambientais, aquelas úteis e funcionais para ele e, mediante decisões definidas, colocará com autenticidade as suas escolhas únicas” (Meneghetti,

2010, p. 284), para isso a psicoterapia ontopsicológica se valida do seu critério o Em Si ôntico, ao qual dá ou não a coincidência com a ação da vida.

Além do método inovador, a Ontopsicologia dispõe de seis canais de diagnose na práxis clínica que são a anamnese linguística e biografia histórica, sintoma ou problema, fisionômica-cinésica-proxêmica, análise onírica (sonho) ,leitura do campo semântico e resultado, criando assim um diferencial em relação às outras duas abordagens. A psicanálise também se detém na análise dos sonhos, porém, a Ontopsicologia reencontrou o código que o sonho usa para a elaboração do teatro onírico.

A Ontopsicologia apresenta também seu diferencial em relação às outras duas abordagens no fato de dispor de seus instrumentos próprios de intervenção: a psicoterapia individual e de grupo, a consultoria de autenticação, a consultoria empresarial, a imagogia, a cinelogia, a psiotea, a melolística, a melodance, a hidromúsica solar, o residence e Isomaster. No aspecto clínico, a abordagem ontopsicológica trabalha com a diretividade centrada na pulsão do Em Si ôntico, e demonstra que qualquer fenômeno pode ser compreendido dentro de uma lógica científica.

A Gestalt-terapia, por sua vez, utiliza um método fenomenológico e experiencial, centrado no presente, ao invés de se debruçar sobre o passado ou sobre conteúdos inconscientes profundos. O gestalt-terapeuta adota uma postura ativa, facilitando o processo de conscientização por meio de técnicas como a "cadeira vazia", dramatizações e o incentivo à autorregulação orgânica.

A abordagem gestáltica destaca-se pela sua ênfase na vivência presente do aqui e agora como o ponto principal para a mudança terapêutica do paciente e se atenta aos limites que são necessários para a pessoa se situar no mundo e à criatividade em ensinar as pessoas a lidarem a si mesmas, auxiliando a encontrar dentro da sua realidade total as respostas que necessitam para solucionar os seus conflitos internos.

Outro aspecto importante nas abordagens é a visão do homem que cada uma apresenta. A visão da ciência Ontopsicológica se sustenta em “o homem, protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser” (Meneghetti, 2010, p. 130), com a finalidade de "reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização" (Meneghetti, 2010, p. 134), diferenciando-se da visão psicanalítica de Freud, que é uma visão mecanicista, biológica e psicodinâmica,

porém se aproximando mais da visão da Gestalt-terapia que é humanista, existencial e fenomenológica.

No que se refere às aproximações, é importante ressaltar que tanto a Gestalt-terapia quanto a Ontopsicologia compartilham um foco comum no desenvolvimento do potencial humano e na autorrealização. Em ambas as abordagens, o ser humano é visto como dotado de uma capacidade inata de autorregulação e crescimento. Para a Ontopsicologia é importante reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização. Já, para a Gestalt-terapia, a consciência no momento presente, no aqui e agora, a forma de encontrar respostas aos questionamentos internos é o que possibilita o crescimento e autorregulação do sujeito, sendo a tarefa da terapia auxiliar o homem a reencontrar essa capacidade intrínseca de natureza.

Na Gestalt-terapia isso ocorre por meio da ampliação da consciência plena, permitindo que o indivíduo tome decisões mais autênticas e integradas com suas necessidades e emoções. Da mesma forma, a Ontopsicologia busca promover sanidade e a autorrealização por meio da retomada da lógica do Em Si ôntico e da conscientização das distorções perceptivas causadas pela interferência do monitor de deflexão.

Ambas as abordagens destacam o papel ativo do terapeuta como facilitador do processo de conscientização, seja através da consciência no momento presente (Gestalt-terapia) ou da retomada da sanidade do sujeito através da pulsão do Em Si ôntico no a diretividade dada ao cliente é centrada na pulsão do Em Si, aspecto este que é abordado pelo método ontopsicológico, por meio da leitura da informação do campo semântico (Ontopsicologia). Já as outras abordagens trabalham junto com o cliente, e não sobre o parâmetro de um critério de exatidão..

A análise comparativa entre a Psicanálise, a Gestalt-terapia e a Ontopsicologia evidencia que, embora essas abordagens compartilhem o objetivo comum de promover o autoconhecimento, a transformação e autorrealização do homem, elas o fazem por meio de diferentes trajetórias teóricas e metodológicas.

Por fim, a Ontopsicologia apresenta uma abordagem inovadora e integrativa, que considera não apenas o indivíduo, mas sua relação com o ambiente, com as dinâmicas inconscientes do Em Si ôntico, do monitor de deflexão e leitura do campo semântico e a sua capacidade de autorrealização histórica, oferecendo uma visão mais ampla do processo de autorrealização. Essas diferenças e semelhanças destacam a riqueza das abordagens psicoterapêuticas com seus métodos e técnicas próprias,

oferecendo perspectivas diversificadas para a resolução dos conflitos psíquicos contemporâneos e oferecer a passagem real para o mundo da vida.

Em atendimento dos objetivos da pesquisa e com o escopo de sintetizar os achados da pesquisa, optou-se por apresentar um quadro comparativo, no qual encontram-se os principais elementos das três abordagens clínicas.

Quadro 1 - Síntese dos achados da pesquisa.

	PSICANÁLISE	GESTALT-TERAPIA	ONTOPSICOLOGIA
CONCEITOS	<ul style="list-style-type: none"> - Inconsciente - Id - Ego - Superego - Repressão - Projeção - Resistência - Repressão - Libido - Realidade psíquica - Pulsão - Sintoma - Negação - Racionalização - Sublimação - Deslocamento - Regressão 	<ul style="list-style-type: none"> - Aqui e agora - Autorregulação orgânica - Contato - Consciência - Figura-fundo 	<ul style="list-style-type: none"> - Em Si Ôntico - Monitor de Deflexão - Campo Semântico - Inconsciente - Critério organísmico - Ecceidade - Percepção - Complexo - Atividade psíquica - Consciência - Transfert - Metanoia - Autenticidade - Instinto - Resistência -Superego - Realidade Psíquica - Associação - Remoção primária
MÉTODO	- Método analítico interpretativo.	- Método Fenomenológico experiencial.	- Método bilógico processo racional indutivo-dedutivo com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão.
TÉCNICAS	<ul style="list-style-type: none"> - Associação livre. - Interpretação de sonhos. - Análise de resistências e transferências. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cadeira vazia. - Ensaio mental. - Dramatização. 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise onírica - Leitura de campo semântico - Acesso à pulsão do Em Si ôntico - Diretividade objetiva, centrada na pulsão do Em Si ôntico do cliente.
INSTRUMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> - Ambiente terapêutico. - Neutralidade do terapeuta. - Escuta. 	- Terapia centrada no presente.	<ul style="list-style-type: none"> - Psicoterapia individual e de grupo -Consultoria de autenticação - Consultoria empresarial - Imagogia

			- Cinelogia - Psicotea - Melolística - Melodance - Hidromúsica solar - Residence
OBJETO DE ESTUDO	- Inconsciente	- Consciência	- Atividade Psíquica
CRITÉRIO			Em Si organísmico

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste estudo foi apresentar a novidade da Ciência Ontopsicológica como uma perspectiva metodológica e epistêmica, através da comparação entre Psicanálise, Gestalt-terapia e Ontopsicologia, no âmbito da teoria e prática clínica. Para alcançar esses objetivos, utilizou-se o método de estudo comparativo, através de uma revisão bibliográfica, com uma abordagem qualitativa. A pesquisa mostrou que, apesar dessas correntes terem um objetivo comum de fomentar a autorrealização e o autoconhecimento, cada uma segue trajetórias teóricas e metodológicas distintas, proporcionando diferentes pontos de vista sobre o ser humano.

Cientificamente, a contribuição desta pesquisa reside na ampliação do entendimento sobre como essas três abordagens podem ser aplicadas na prática clínica, considerando tanto os aspectos conscientes quanto inconscientes da mente humana, os quais são responsáveis pelo condicionamento do homem.

A abordagem psicanalítica, ao explorar o inconsciente e seus mecanismos de defesa, fornece uma base sólida para a compreensão dos conflitos internos do indivíduo, enquanto a abordagem da Gestalt-terapia promove uma transformação mais imediata por meio da atenção ao aqui-agora. A abordagem ontopsicológica inova com seu método bilógico que une o processo racional indutivo-dedutivo complementado por suas três descobertas: o Em Si ôntico, no monitor de deflexão e o campo semântico, propondo uma análise holística do homem, identificando o estado do cliente, o complexo, a pulsão ôntica, possibilitando a passagem para autorrealização do homem, reportando a lógica do Eu à lógica do Em si ôntico.

Como possíveis caminhos de continuação deste estudo, sugere-se a realização de pesquisas empíricas que possam investigar a eficácia das intervenções clínicas baseadas na Ontopsicologia em comparação com a Psicanálise e a Gestalt-terapia, especialmente no contexto de patologias psicológicas específicas. Além disso, a ampliação dos estudos sobre a integração dessas abordagens em uma prática clínica combinada pode oferecer novos insights sobre a eficácia terapêutica e o potencial de complementaridade entre essas três correntes.

Por fim, este estudo contribui para a reflexão contínua sobre a evolução das práticas psicoterapêuticas, promovendo um diálogo entre diferentes correntes teóricas e incentivando a busca por abordagens mais integradas e eficazes no tratamento dos problemas psíquicos contemporâneos.

8 REFERÊNCIAS

ACCORSI, Angelo. **Psicoterapia ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta**. 1 ed. Curitiba. Appris, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Glória. **O Setting analítico na clínica cotidiana**. Estudos de Psicanálise, (40), 71-78. 2013. Acesso em 13 de agosto de 2014. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000200008&lng=pt&tlng=pt.

BOCK, Ana; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; GOTO, Tommy Akira. **É possível a fenomenologia de Husserl como método de pesquisa em psicologia?** Psicologia: teoria e pesquisa, v. 32, n. 4, p. 1-9, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3241>. Acesso em 28 de set. 2024.

FREUD, Sigmund. **A Dissolução do Complexo de Édipo**. In: **Obras Completas**. Imago, 1924.

FREUD, Sigmund. **A psicologia dos processos oníricos**, 1900. In: A interpretação de sonhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 541-646. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 5).

FREUD, Sigmund. **Inibições, sintomas e ansiedade**, 1926 [1925]. In: Um estudo autobiográfico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 79-168. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, Sigmund. **Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna**. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. vol. 9.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos**. 1923. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19, 1996.

FREUD, Sigmund. **Repressão**, 1915. In: **A história do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 145-162. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14**.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, 1905. In: **Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 7).

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HERRMANN, Fabio. **O que é psicanálise: para iniciantes ou não**. 14ª ed. São Paulo: Blucher, 2015.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katálysis, v. 10, p. 37-45, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, Antônio Elmo de Oliveira. **A concepção de homem na Gestalt-terapia e suas implicações no processo psicoterápico**. Revista do I Encontro Goiano de Gestalt-terapia, v. 1, n. 1, p. 47-71, 1995.

MENEGHETTI, Antonio. **Campo Semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Imagem e Inconsciente**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.

MENEGHETTI, Antonio. **Lições de Leningrado: Uma Introdução à Ontopsicologia**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 1993.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit: Introdução à Ontopsicologia para jovens**. 1. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit: Introdução à Psicoterapia Ontopsicológica – instrumentos e aplicações**. 1. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **O Em Si do Homem**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **O Residence Ontopsicológico: Práxis e Filosofia Existencial**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia clínica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

PERLS, Frederick Salomon. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 1999.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus, 1985.

RIBEIRO, Walter Ferreira Da Rosa. **Gestalt-Terapia no Brasil: recontando a nossa história**. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, v. 13, n. 2, p. 255-259, 2007. Acesso em 14 de agosto de 2024. Recuperado de https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672007000200010&script=sci_arttext.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro Zahar, 1998.

SANTOS, Manoel Antônio dos, et al. **Psicoterapia de abordagem gestáltica: um olhar reflexivo para o modelo terapêutico**. Psicologia Clínica, v. 32, n. 2, p. 357-386, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v32n2/09>. Acesso em: 10 set. 2024.

SOUZA, Carolina Rodrigues Alves de; COELHO, Daniel Menezes. **O neutro em psicanálise: da técnica à ética**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 24, p. 95-110, 2012.

STEVENS, John O. **Isto é gestalt**. São Paulo: Summus, 1977.

WAZLAWICK, Patrícia. **O Método Ontopsicológico**. Saber Humano: Revista Científica Da Faculdade Antonio Meneghetti, v. 9 n. 14, p. 29–50, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18815/sh.2019v9n14.362>.

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.